



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moda forte	PORTUGAL E COLONIAS	France de porte
Anno ou 24 numeros	25000	Trimestre ou 6 numeros 8050
Semestre ou 12 numeros	13500	N.º avulso ou pago á entrega 6120
ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 numeros	30000	Semestre ou 12 numeros 15000

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 4

15 DE FEVEREIRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



HUMBERTO I, REI DE ITALIA (Segundo una photographia de H. Le Lieure, de Turin)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME DE AZEVEDO — As nossas gravuras: Nos Ministerios Portuguez, G. D'A. — A Aida, RAMALHO ORTIGÃO — A primeira tempestade, JAYME DE SEQUEIRA — Bibliographia.

GRAVURAS. — Humberto I, rei de Italia — Novo ministerio portuguez — O rio Tan — Gustavo Courbet — O Capitão Boyton e o seu apparelho de salvção — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Multiplicam-se as invenções. A cidade está, n'este momento, cheia de pequeninos cartões enigmáticos, e a perspicacia nacional estaciona horas e horas diante das vitrines, procurando adivinhar as esphinges lithographadas que a imaginação humana diariamente produz a 30 réis o exemplar.

N'este trance o *Diario do Governo* annuncia oficialmente que o cidadão fulano, para gosar o privilegio consignado no artigo tantos do código civil, registou na competente repartição o enigma — *Aonde está a febre?* e a tuba do noticiario faz ao mesmo tempo saber a todo o paiz que qualquer nacional que decifrar o enigma — *Onde está aqui o gato?* receberá 28250 de premio, publicando-se-lhe o nome nos dois jornaes mais lidos da capital.

Não se diga que a actividade do nosso espirito se não exerce proveitosamente. Tambem em Paris e Londres se não faz n'este momento outra cousa; a não ser que a Inglaterra se prepara ao mesmo tempo para fazer a guerra á Russia e a França para fazer uma exposição universal.

É tambem agora uma das preocupações do mundo adivinhar o enigma — *Aonde está o urso do norte?* Talvez em Constantinopla, responde o telegrapho. Pois muito bem; a esquadra ingleza vae penetrar no Bosphoro a vêr se a fera, á vista dos seus canhões, dá signal de si, como o gato deve fazer se o procurarmos com um rato na mão, segundo uma recente caricatura de Cham.

Nós emquanto preparamos-nos para vêr chegar o capitão Boyton no veio crystallino do Tejo. Este capitão é um heroe accumulado n'um estabelecimento ambulante de cintos de salvção. Traz consigo a fama e o preservativo de gutta-percha contra os naufragios, e quando passa rebolando nas catadupas e refluindo nas voragens, tocando na sua buzina d'alarme e soprando no noticiario, tem a gente vontade de lhe perguntar de terra, se elle se vae estabelecer definitivamente na gloria ou na rua Augusta!

O que seria da grandeza tragica de Camões se nós o entrevíssemos hoje, nas convulsões do oceano, munido d'um apparelho de Boyton com a sua epopea n'uma mão e uma trombeta d'aviso na outra?

É certo que os inventos industriaes e os resultados da sciencia concorrem, dia a dia, para diminuir a grandeza e o heroismo individual, mas não podemos todavia deixar de confessar que, sendo a coragem uma bella cousa no meio do oceano, é comtudo muito mais proficua acompanhada d'um fato insubmersivel do que d'uma grande força que se afunda.

É pois para salvar, não só as epopeas mas tambem a vida dos navegantes, que o capitão Boyton inventou o *parausus*, salva-vidas, que o sr. ministro da marinha tomará na devida consideração se entender que para o futuro dos pinos portuguezes é conveniente pôr boias, não só nos marcantes, mas tambem nos trovadores.

— Acontecimento artistico digno d'especial menção, além d'aquelles de que fallámos acima, tivemos este: a primeira representação da *Aida* no theatro de S. Carlos. Aquella noite foi uma das grandes noites gloriosas do nosso theatro lyrico — sobretudo grande por durar até depois das 2 horas!

Passava pela sala um fremito desusado. Escutando aquellas harmonias energicas e victoriosas, as duas estatuas do proscenio pareciam despertar do longo somno embalado ha vinte annos consecutivos pelas melodias dolentes da velha musica romantica! Dir-se-ia que a luz do gaz revivia da sua longa noite de tedio e de tristeza! Os rostos das mulheres avivavam-se mais nitidos e mais olympicos. As violetas tinham mais perfumes e as rosas mais expansões. Respirava-se no ambiente um fluido embriagante e ao mesmo tempo salutar, e sobretudo a grande victoria do *maestro* consistia não só no entusiasmo despertado pela marcha gloriosa do segundo acto, mas tambem, especialmente, em conservar desperta, cheia d'interesse — e vazia de chá, uma sociedade que tem ainda da meia noite esta noção terrivel: que é a hora dos fantasmas e a dos libertinos do Gremio!

As 2 da noite se Verdi entrasse em S. Carlos podia exclamar cheio de nobre orgulho, á maneira d'um conquistador feliz: — *Estás acordado? Venci.*

— No theatro dos Recreios estreou-se um professor de physica recreativa, invocador de espectros, mr. Auboin Brunet. Lisboa teve sempre uma certa predilecção pelas maravilhas a preços commodos e vae por isso correndo a admirar as sortes de magia d'aquelle singelo feiticeiro que á ultima hora se propõe a entreter a candidez dos portuguezes nas longas noites de inverno.

— De resto, uma carencia absoluta de factos sufficientemente magisteriosos e dignos de prenderem a attenção d'uma *Chronica* circumspecta.

Simplemente um successo de certa gravidade tem nos ultimos dias lançado o espanto e o entusiasmo no seio dos partidos nacionaes.

Veio do estrangeiro e foi posto á venda um vistoso sortimento de lenços baratos, contendo no centro d'uma corda d'algodão a effigie do sr. presidente do conselho, enramada de louros. Como era de esperar esta consagração politica tem dado logar aos commentarios mais ruidosos dos narizes que hoje se degladiam na politica militante. É caso estranho! a ira e o regosijo dos adversarios tem-se manifestado d'uma forma completamente identica, derramando os narizes consagradores sobre o dito lenço todo o seu affecto e todo o seu rapé, e os narizes avançados toda a sua colera e todo o seu defluxo!

Como é triste o destino d'um homem d'estado em Portugal, e como são mesquinhas e tantas vezes comicas as consagrações que os contemporaneos lhe reservam!

Depois das mais terriveis luctas, e dos mais arduos combates, se consegue ir para a gloria indo ao mesmo tempo para a lavadeira!

— Factos litterarios a *Chronica* não os pôde registrar como acontecidos na ultima quinzena, a não se querer dar ao trabalho de os inventar. Não esqueçamos entretanto uma novidade.

O Brazil não nos dá só hoje, como muitos pensam, o brasileiro do Minho, os diamantes de Minas, ou a febre amarella do Rio. De quando em quando tambem nos envia bonitas invenções, bonitos rostos e bonitos versos.

Eis aqui tres estrophes com que eu n'este momento deparo n'um semanario das terras de Santa Cruz, e que tem um toque de delicado bom humor, como não é raro encontrar-se na lyra d'além mar, d'ordinario sentimental de mais para ter espirito:

Á MINHA NOIVA

— Tu és flôr: as tuas petalas
Orvalho lubrico molha;
Eu sou flôr que se desfolha
No verde chão do jardim.
Tem por moda agora os lyricos
Versos fazer n'este estylo...
— Tu és isto, eu sou aquillo...
— Tu és assado, eu assim ..

As negaças d'este genero,
Carlottinha, não resisto;
Vou dizer que tu és isto;
Que aquillo sou vou dizer.
Tu és um pé de camelia
Eu sou triste pé d'allface
Tu és a aurora que nasce
Eu sou fogueira a morrer.

Os factos restabelecem-se
O dona dos pés pequenos:
Eu sou homem — nada menos:
Tu és mulher, — nada mais:
Eu sou empregado publico;
Tu minha esposa bem cedo;
Eu sou Arthur d'Azevedo:
Tu és Carlota Moraes.

— A *Chronica* quer ser hoje extremamente generosa com o leitor. Podia findar aqui, mas movida por sentimentos de justa liberalidade, obedecendo á influencia do seu tempo, propõe tambem uma esphinge para entretenimento das familias.

Aonde está elle?



Resposta em carta fechada, antes de findar o carnaval, á redacção. O premio conforme a pessoa que adivinhar.

GUILHERME D'AZEVEDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI HUMBERTO I

O novo rei d'Italia não tem, por emq' tanto, historia que torne saliente a sua estatura entre os contemporaneos. Nasceu em Turim em 1844. Em 1858 começou os seus estudos militares, alistando-se no exercito do Piemonte. Tomou parte na batalha de Custoza, na guerra entre a Italia e a Austria em 1866, portando-se com a intrepidez nunca desmentida na sua raça. Em 1868 esposou em Turim sua prima Margarida de Saboya nascida em 1851, havendo d'este consorcio, hoje, um filho chamado Victor Manuel Fernando, que recebeu á uascença o titulo de príncipe de Napoles.

Physicamente o novo rei assemelha-se á um extremo a seu pae: mo-

ralmente não tem a linura de Victor Manuel, nem o seu dom supremo de adivinhar as cousas e conhecer os homens. Julgam-no um tanto inclinado para o militarismo allemão ou para a politica do sr. de Bismarck, entretanto nos seus curtos dias de reinado, não pôde ainda justificar por qualquer fórma esta supposição.

No estado actual da Europa, a Italia tem decerto a desempenhar um grande papel, e sobre o novo rei pesam decerto grandes responsabilidades. A historia terá portanto um dia de proceder a um grande julgamento na pessoa do rei Humberto.

O NOVO MINISTERIO PORTUGUEZ

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO, Presidente do Conselho de ministros e ministro da guerra. O sr. Fontes Pereira de Mello tem passado quasi um terço da sua vida a ser ministro. É hoje o homem d'estado mais conhecido e mais reputado do seu paiz. Milita na politica activa desde 1834, e em sete epochas distinctas, sommando mais de quinze annos, tem passado pelas eminências do poder.

Como a respeito de todos os homens publicos, as opiniões dividem-se radicalmente, quando se trata de apreciar as qualidades politicas do sr. Fontes, sob o ponto de vista partidario.

Segundo os seus afeicoados, o sr. Fontes é um dos primeiros homens de estado, não só de Portugal mas da peninsula, e o paiz deve-lhe tudo: a organização financeira, o moderno movimento industrial, a consolidação do credito, o restabelecimento do dominio colonial, a organização da força publica, as modernas condições de defeza nacional. Segundo os seus adversarios, o sr. Fontes apenas tem feito o seguinte: conduzir-nos ao cairel do abysmo, e collocar-nos a dois dedos da bancarrota, empregando a sua actividade na organização de pompas estereis sem significação e sem alcance.

Aos espiritos serenos e despreocupados não será talvez difficil achar a linha media que separa as duas opiniões extremas, e assignalar o lugar que ao sr. presidente do conselho compete na sua epocha e no seu paiz.

Temos primeiro que as modernas condições economicas de Portugal não são devidas de forma alguma ao sr. Fontes, nem a nenhum homem politico em especial. É essa uma lisonja amavel que o nobre ministro saberá agradecer aos seus partidarios, sabendo-a tambem rejeitar.

Portugal deve menos as suas pequenas ou grandes condições de moderna prosperidade material ao sr. Fontes, do que a França as deve a mrs. Haussman ou de Rouher, e todavia nem os proprios honapartistas se atrevem a attribuir ao segundo imperio os caminhos de ferro e a grandeza material da França, simples resultado das tendencias do nosso tempo, e do novo movimento impulsivo que hoje dirige as sociedades.

Estabelecer que, tirado o sr. Fontes Pereira de Mello da historia politica dos ultimos 30 annos, ficaria nas estradas portuguezas a velha diligencia em vez da moderna locomotiva, é de certo pôr um luxo demasiado de imaginação ao serviço d'um pequeno preconceito.

O sr. Fontes é um bom homem d'estado. O constitucionalismo na sua phase actual, no nosso paiz, não podia talvez produzir outro muito melhor, e o sr. Fontes corresponde perfeitamente, no seu momento historico, ás necessidades d'este regimen.

Não pode hombrear de certo com os vultos mais assignalados da revolução liberal, com os Mousinho da Silveira, Passos, Aguiar, Rodrigo da Fonseca, pela estreiteza da educação e pelas novas condições intellectuales da sua epocha, mas aprendeu o sufficiente na escola politica de que foi discipulo, para saber trabalhar a primor com os machinismos do actual systema, sem contudo lhe comprehender as grandes theorias do organismo, como acontece muitas vezes aos mais habéis operarios.

Já houve quem chamasse ao sr. Fontes o Bismarck do occidente. Não merece talvez tão pomposo epitheto o distincto ministro. Os destinos da sociedade portugueza são modestos em demasia para que ella tenha necessidade d'um tão alto engenho, e mesmo por que, se a Portugal está reservado um alto papel na nova phase evolutiva das sociedades, essa boa fortuna, de certo, não tem sido preparada, nem talvez prevista pelo sr. Fontes.

O distincto estadista, quando os seus partidarios lhe chamem pois Bismarck, deve ser o primeiro a sorrir-se como homem de espirito que é, levando ao mesmo tempo a mão ao seu chapéu alto, com o duplo fim de corresponder á amabilidade, e de mostrar que não traz na cabeça um capacete de couraceiro.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO, ministro do reino. É pela terceira vez ministro. O sr. Sampaio é o mais denodado e o mais illustre jornalista portuguez. Começou a sua carreira politica escrevendo a *Vedeta da Liberdade*, e firmou a sua reputação de pamphletario redigindo o *Espectro* em 1846. Esta publicação que os seus adversarios nas pugnas estereis em que hoje se debatem as facções em Portugal, lhe imputam a miúdo como um crime, é o seu melhor titulo de gloria. Redactor do *Espectro* o sr. Sampaio possuía as apostrophes violentas, as indignações generosas contra as demasias do poder pessoal, e soube n'um dado momento corresponder a um alto sentimento de indignação popular.

O ministro, diga-se em abono da verdade historica, não correspondeu depois inteiramente, nem podia corresponder ás promessas do pamphletario. Das justas indignações do *Espectro* aos ultimos artigos doutrinaes da *Revolução de Setembro*, medeia pouco mais ou menos a distancia que vae de Juvenal a um conselheiro do Tribunal de Contas.

Antonio Rodrigues Sampaio, possui todas as qualidades pessoais porque o homem se deve recomendar no conceito dos seus concidadãos: honestidade de caracter, serenidade d'animo, vontade trabalhadora, intenções rectas. O seu estylo é sereno, inflexivel, sobrio, imperturbavel: resente-se d'uma solida educação classica, e deixa-nos adivinhar que em França, por exemplo, uma tão poderosa organização de polemista, daria mais um Paulo Luiz Courier á liberdade, ou mais um Luiz Veullot á reacção.

Ainda hoje quando o sr. Sampaio empunha o latego de jornalista e o faz estalar pelas columnas da *Revolução de Setembro*, se deixa sentir, por vezes, aquelle vigoroso pulso d'athleta, afeito a vencer todas as resistencias e a repellir todos os obstaculos, nas longas caminhadas pelos atalhos tortuosos da discussão.

Os seus artigos de polemica, cheios ás vezes de bom humor, de salutar graça nacional, dir-se-iam uma risada de Voltaire temperada com uma gargalhada de colareja.

Jornalista, o sr. Sampaio parece escrever com uma das mãos na cintura: orador falla com ellas na cabeça.

Eis a differença que vae do antigo polemista da *Revolução* ao modesto ministro da regeneração.

JOÃO D'ANDRADE CORVO, ministro dos negocios estrangeiros. É um professor eminente, um verdadeiro homem de sciencia, o sr. ministro dos estrangeiros. A estas qualidades allia as d'um bello caracter. Para com um homem assim, deve-se usar d'esta simplicidade, porque o seu verdadeiro elogio está na consideração geral, e não na rhetorica e na phantasia dos biographos.

O sr. Corvo foi pela vez primeira ministro em 1866, dirigindo a pasta das obras publicas, prestando assignalados serviços n'esta repartição.

Em 1871 foi chamado a dirigir a pasta dos negocios estrangeiros, que de novo tem hoje a seu cargo. No meio das contendas em que hoje se debate a Europa, só o tacto e a boa direcção diplomatica pôde collocar as nações peenhas a salvo da ambição das maiores, demais quando esse evangelho chamado *equilibrio europeu* acaba de ser despedaçado pelo gume d'algumas espadas felizes.

O sr. Corvo é pois um homem competente pela sua illustração e pelas suas largas facultades, para vigiar os nossos destinos no meio da tormenta que hoje vae acossando a Europa, na sua arriscada travessia pelo seculo XIX.

LOURENÇO DE CARVALHO, ministro das obras publicas. O novo ministro é um homem ainda novo e um engenheiro distincto que se distinguu, principalmente, dirigindo a construcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro. O seu passado politico é curto e muito pouco ruidoso. Foi ministro com o sr. Fontes alguns mezes, no ultimo gabinete a que presidiu este estadista, e chamado agora de novo com os seus collegas para tomar a responsabilidade da mesma pasta.

O sr. Lourenço de Carvalho não tem na sua historia politica, por enquanto, os lances e os episodios que caracterizam ordinariamente a historia dos velhos homens publicos. Entretanto como é difficil na politica seguir inteiramente a linha recta entresonhada pelos justos, já ha poucos dias as conveniências partidarias o obrigaram a declarar que a linha do caminho de ferro da Beira-Alta, era a verdadeira internacional, e mais barata do que a da Beira-Baixa — exactamente o contrario do que já uma vez affirmára.

A sua curta carreira politica não lhe consentiu ainda outro peccado d'esta natureza, e seriamos exigentes de mais se por ventura lh'os reclamássemos já.

AUGUSTO CESAR BARJONA DE FREITAS, ministro da justiça. Intelligencia phenomenal, — reflecte todas as idéas como um prisma reflecte todas as cores. O seu cerebro é um telescópio e um microscópio. Vê os grandes problemas em toda a sua vastidão e os pequeninos incidentes em toda a sua minuciosidade. É um pensador duplicado n'um estadista.

A sua iniciativa deve-se:

A abolição da pena de morte.

O código civil.

A liberdade de imprensa.

O código do processo.

E a reforma do código penal.

— A estas parcelas acrescentará ainda brevemente:

O registo civil.

E a dotação do clero.

Somma — um estadista.

Agora o homem: llano e aberto, sem pertença e sem vaidade. Resumindo: um homem notavel.

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL, ministro da fazenda. O sr. Serpa foi pela primeira vez ministro em 1839, contando 34 annos de idade. Bacharel em mathematica pela universidade de Coimbra, assignalou-se na litteratura por escriptos em que se revelavam notaveis qualidades de escriptor e de homem de espirito, sobretudo no *Pharol* e na *Semana*, exprimindo contra a penna graciosa e flexivel de Latino Coelho na celebre contenda entre os partidarios da Stoltz e os da Novello, uma das preocupações mais interessantes do segundo periodo do romantismo em Portugal.

Natureza sentimental e melancolica, o sr. Serpa não possui de certo a tempera do reformador, entretanto a fazenda publica deve-lhe algumas leis fiscaes preventivas, mais de certo do que ousariamos esperar de quem,

NOVO MINISTERIO PORTUGUEZ



JOÃO DE ANDRADE CORVO
(Ministro dos Estrangeiros)



ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO
(Ministro do Reino)



A. C. BARJONA DE FREITAS
(Ministro da Justiça)



ANTONIO MARIA FONTES PEREIRA DE MELLO
(Presidente do Conselho e Ministro da Guerra)



ANTONIO DE SERPA PIMENTEL
(Ministro da Fazenda)



THOMAZ RIBEIRO
Ministro da Marinha e Ultramar



LOURENÇO DE CARVALHO
(Ministro das Obras Publicas)



NAS MARGENS DO TUA (TRAZ-OS-MONIES) (Desenho de natural por M. de Mendiz)

oriundo do periodo dos solaos, começou cantando d'est'arte nas cordas de oiro da sua lyra.

Mas o melhor da passagem
Foi que o pagem,
Foi que o pagem... não morreu.

O temperamento impressionavel e sensível do sr. Antonio de Serpa tem influenciado em muitas passagens da sua vida politica, obrigando-o até, no ultimo ministerio de que fez parte ha poucos mezes, a praticar um acto de desanimo, querendo separar-se dos seus collegas por entender que a maioria parlamentar o não coreava dos extremos oratorios a que tinha direito.

Os seus ultimos ocios na pasta das finanças, aproveitou-os o sr. Serpa escrevendo um livro intitulado a *Questão do Oriente*, livro de que a critica portugueza, segundo a sua pratica habitual — quando não se trata d'um almanack — não disse muitas palavras, mas que em todo o caso é um trabalho que denota um escriptor notavel, conhecedor dos modernos interesses que agitam as sociedades contemporaneas.

O sr. Serpa foi na sua epocha um poeta distincto, reputado como um habil e elegante versificador. Os contribuintes, como succede quando se trata d'um ministro da fazenda, não hão de achar hoje, de certo, tão harmoniosas e tão amáveis, as decimas que o fanceiro premedita em honra d'elles, o que não obsta porém a que o sr. Serpa seja um homem d'estado, conceituado pela sua honestidade incontestavel, sabendo-se fazer estimar pelas suas qualidades de homem extremamente affavel e modesto, como não podia deixar de ser o que soube sentir aquella trova tão cheia de sentimento

Mas o melhor da passagem
Foi que o pagem,
Foi que o pagem... não morreu.

THOMAS ANTONIO RIBEIRO, ministro da marinha. Porte inspirado. Entrou na politica trazendo debaixo do braço um sentido poema em varios cantos: o *D. Jayme*. A sua musa a pé, deu-lhe o seu correio a cavallo, e os seus partidarios põem hoje na sua administração a esperança que os seus admiradores pozeram outr'ora na sua lyra.

G. D'A.

O RIO TUA

Este pittoresco rio nasce na serra de Cabrera, provincia de Valladolid, e entra em Traz-os-Montes 10 kilometros ao N. de Vinhaes, com o nome de Tuella. Juntam-se-lhe pela esquerda varios outros rios que correm da Galliza e reunidos um pouco abaixo de Valle de Telhas tomam o nome de Tua.

A provincia de Traz-os-Montes é uma das mais pittorescas do paiz, e o Tua, apresentando quasi sempre um aspecto sinuoso e selvagem, offerece todavia os mais notaveis contrastes á observação do paizagista.

O desenho que hoje damos no OCCIDENTE, é a ampliação d'um *croquis* do natural pelo nosso collaborador Manuel de Macedo, n'uma excursão artistica que realisou ha 4 annos aquella provincia, e faz parte d'um album de viagem aonde se acham colleccionadas muitas das mais notaveis paizagens, monumentos e costumes do nosso paiz, e ao qual recorreremos mais vezes no intuito de ser agradaveis ao publico.

D'aquella viagem temos ainda a esperanza de dar alguns dos mais salientes episodios descriptos pela penna elegante do nosso collaborador Jayme Batalha Reis, que foi um dos excursionistas n'aquella peregrinação artistica pela mais montanhosa região do paiz.

GUSTAVO COURBET

Gustavo Courbet, fallecido a 31 de Dezembro ultimo, foi um grande pintor francez celebre na arte, notavel nos successos politicos a que o seu nome se acha ligado nos ultimos tempos.

Courbet foi revelado primeiramente ao sentimento artistico revolucionario do mundo moderno, pelas paginas que os seus quadros inspiraram a Proudhon. Depois das palavras do mestre, a obra do pintor significava mais do que simples aspectos da natureza; era um grito de guerra contra o imperio, e contra o sentimento conservador na arte e na politica. Os seus quadros intitulados o *Britador de pedra*, as *Donzellas do Sena*, o *Enterro do pobre*, e muitos outros, são poderosissimas satyras cheias de vehemencia e d'intenção. Como paizagista Courbet assignalou-se ainda mais, pela intuição prodigiosa do vulto, por uma grande simplicidade de processo junta a uma prodigiosa destreza manual á Velasquez.

Foram estas qualidades, juntas a uma grande intuição da natureza, que sobretudo o distinguiram, n'uma epocha em que a rhetorica e a applicação dos processos pareciam a suprema palavra na arte.

O nome de Courbet tinha nos ultimos tempos adquirido uma grande notoriedade por ser o grande pintor que concorrera, sendo inspector das bellas-artes no tempo da communa de Paris, para o derrubamento da columna Vendome. Courbet revolucionario sempre, na politica e na pintura, era primeiro que tudo um feticlista da arte. A columna Vendome na sua opinião representava um duplo insulto: á arte como copia servil d'um monumento romano, á fraternidade humana como commemoração d'uma carnificina glorificada. A columna devia pois cair.

Restabelecida a antiga ordem de cousas, o sentimento da tradição militar da Franca, condemnou Courbet, e condemnaram-o os tribunaes do seu paiz, obrigando-o a pagar com o producto dos seus quadros o restabelecimento do monumento já agora contestado na sua belleza, e talvez na sua gloria.

Courbet falleceu contando 39 annos. Era já apenas uma sombra de si proprio. A poderosa physionomia do chefe da escola realista tem

porém de ficar na galeria das celebridades do seculo XIX, como uma das mais significativas e mais originaes da arte moderna.

O CAPITÃO BOYTON

Deve surgir brevemente em frente de Lisboa o capitão Boyton que ha perto de duas semanas se atirou ao Tejo em Toledo. Com esta são 25 viagens semelhantes que o Capitão Boyton tem feito munido do seu aparelho de salvação, contando-se entre ellas a travessia do estreito de Calais, a viagem de Orleans a Nantes, a passagem do Pó, do Tibre, do Loire, e agora em fim o Tejo, a sua empresa mais audaciosa e a que mais obstaculos lhe tem offerecido, mas que o entrepido nadador espera vencer para triumpho completo do seu nome conhecido hoje em toda a Europa.

O capitão Boyton conta 29 annos: possui uma physionomia energica e uma estatura robusta. Traz o peito literalmente coberto de insígnias e de medalhas com que os povos e os reis lhe tem manifestado a sua admiração.

O seu aparelho natatorio, como o representa a nossa gravura, é muito simples; consiste n'um fato impermeavel de guta-perche no qual ha seis reservatorios com o ar sufficiente para obrigar o corpo a fluctuar. Deve notar-se que o capitão Boyton intentou com o seu invento ser útil aos navegantes, e pôr o homem a salvo dos naufragios. As viagens que ultimamente tem feito nos principaes rios da Europa não são mais do que um pregão do seu invento.

Quem vestir o aparelho do capitão Boyton e tiver a intrepidez d'elle, escusa de saber nadar para vir de Toledo a Lisboa. É sufficiente ter coragem para soffrer inclemencias de toda a ordem, mitigadas simplesmente por algumas serenatas das povoações marginaes, e ás vezes por ataques de caçadores nocturnos que das margens dos rios tem já tomado o capitão Boyton por uma ave estranha, ou por uma apparição phantastica, quando elle passa ás vezes com uma pequenina vella enfunada pela briza, tocando na sua buzina de alarme.

A ultima viagem do capitão Boyton, é de certo uma das mais laboriosas pelos barrancos, e pelas voragens, de que o Tejo está somado até algumas milhas depois de entrar em Portugal, mas em poucos dias, decerto, o capitão Boyton surgindo em frente de Lisboa nos dará testemunho de que pela sciencia vaé sendo possível realisar o que outr'ora apenas se conseguia pelo *milagre*.

A AIDA

Se a obra d'arte fosse um livre producto do artista e não o effeito d'uma dada coincidência social, Verdi seria entre todos os lyricos modernos o que mais teria de que se penitenciar perante as justicas da critica tão inexoraveis e tão iniludiveis como as justicas da historia.

Verdi, cultivando a arte na sua forma mais perfeita e mais synthetica — a opera — foi de todos os sentimentalistas o que mais contribuiu para radicar e propagar a mais terrivel enfermidade mental d'este seculo: — o tedio nostalgico dos apaixonados.

A musica de Verdi, langue, febril, irritante, é permeada de lascivia e de mysterio, de ardentese desejos, de insondaveis maguas. Domina-a uma inextinguivel sede de ternura e uma constante preocupação romanesca da morte. É feita de caricias e de soluços, de supplicas e de furores, de beijos e de punhaladas.

Essa musica prostrou uma geração inteira no mysticismo inervante da paixão, na febre languida do sentimentalismo, no lethargo contemplativo cortado pelas angustias da imaginação e pelas palpações brutaes do temperamento, finalmente no desdém da responsabilidade, no atrophiamiento da força, na medonha preguiça do cerebro.

Verdi dedicou-se exclusivamente ás pinturas melódicas do amor. Não d'esse amor universal da grande Natureza através de cujos exastese suspirados no infinito se sente palpar nas entranhas fecundas da immortal Bachante, o embrião da perpetuidade, o futuro do universo. O amor representado por Verdi é o filho enfezado das perversões modernas, furioso mas fraco, de uma lubricidade esteril como o vicio, confinado nos edens clandestinos sob as vegetações exóticas de estufa, entre horizontes forrados de montanhas de setim e de catadupas de renda, por baixo de tectos de sandalo esculpido, sobre tapetes de Smirna, n'um ambiente saturado do calor da febre e do mordente perfume do opopanax.

É d'esses paraizos da arte sentimental que saíram para a sociedade — expulsas pelo archanjo exterminador chamado o *tedio*, o *remorso*, a *pobreza* ou simplesmente a *policia* — as legiões romanticas dos adultos. É d'esses paraizos que muitas mulheres partiram para a desgraça e muitos homens para a deshonra.

A nova opera de Verdi, actualmente em scena no theatro de S. Carlos, marca a transição do talento do maestro para uma nova concepção da arte.

A *Aida* mostra que o auctor deixou de ser o sentimentalista que se abandona para ser o artista severo que se critica como Leonardo de Vinci na pintura, como Shakspeare no drama, como Mayerbeer e como Wagner na musica.

Assim como na litteratura findou o tempo da epopeia, na musica terminou o ciclo da pura inspiração ideal a que pertencem Mozart,

Weber e Beethoven. Rossini é o termo de transição do período inspirado para o novo período erudicto de Mayerbeer e de Wagner.

Estará chegada para a musica a sua hora de decadencia? terá ella descripto a sua trajetória e, durando apenas ha seculo e meio, irá acabar como diz Blaze de Bury? terá na idade moderna um destino igual ao que teve a arte grega na idade antiga?

Como quer que seja, a evolução do espirito de Verdi manifestada na sua nova obra indica um grande progresso nas faculdades do artista e um grande facto na historia da arte moderna. O grande sentimentalista queimou os seus navios, dando um fecundo exemplo aos seus velhos confrades.

Raciocinar a sua obra, criticar os seus proprios processos, impôr-se uma acção progressiva na convergencia commum de todos os esforços do espirito humano, é hoje a primeira condição fundamental da superioridade de um artista.

Comprehendendo isto e inscrevendo-se na escola de Wagner e de Mayerbeer, procurando expressar como symphonista não somente a embriaguez e os desmaios da sentimentalidade, mas todas as vibrações excessivas e todos os tumultos profundos de que é susceptível a alma do homem, Verdi criou na *Aida* uma obra d'arte com o caracter de universalidade que distingue as mais altas criações do espirito.

Os habituados a amollecem-se e a adormentarem-se nas cadeiras de S. Carlos, embalados nas melodias de Belini e de Donizette, ouvindo delirar Lucia ou tossir Violetta, sentiram-se rudemente acordados por essa nova orquestração poderosa, por esses côros verberantes de energia, por essa inesperada combinação de effeitos de que sae a espaços a faísca electrica como no trovão. E, assim como succede quando o fuzilar do relampago rompe n'um clarão repentino a espessura das trevas, o publico viu ao longe o contorno vigoroso e nítido de estranhas figuras grandiosas, de uma nobreza tragica até então despercebidas por elle no meio dos aspectos vulgares da natureza.

RAMALHO ORTIGÃO.

A PRIMEIRA TEMPESTADE

II

Meu sogro dissera-me coisas horrorosas. Chamara-me *libertino*, *D. João*, *Sardanapalo*, etc., e lembro-me ainda de que tivera grande dificuldade em pronunciar a ultima d'aquellas palavras, o que prejudicava em muito o effeito da invectiva. O pobre homem não era muito versado em historia e a sua desgeitosa lingua luctava sempre com serios embarços, todas as vezes que se tratava de articular algum d'aquelles grandes nomes sonoros que a antiguidade nos legou.

Afinal, valia a pena encolerisar-se tanto e tornar-se violento e púrpuro, — elle que tinha um pescoço curto e taurino, uns olhos que se injectavam facilmente, e uma calva que á menor contrariedade se tornava escarlate, sob a suspensão terrivel d'uma apoplexia de Damocles?

O certo é que para um marido com onze mezes de serviço, eu passava uma vida um tanto irregular. De manhã as obrigações do meu cargo tomavam-me todo o tempo. Depois de jantar, aproveitando o menor pretexto, pegava sorrateiramente no chapéu e voltava ás duas da madrugada seguinte. Sob o tecto conjugal, — phrase empregada por meu sogro — estava apenas n'estes dois interessantes períodos da minha existencia — durante o somno e durante a comida.

Era isto regular? Era isto moral na apparencia? Não, decerto. Que fazia eu porém em todo aquelle tempo? Para que abysmos me sentia eu attrahido? Que sombrias saturnaes reclamavam a minha presença?

Pobre de mim! Eu era o sujeito mais imbecilmente pacato que é dado imaginar-se. Nem feito de propósito, o arranjariam melhor. As minhas noites passava-as invariavelmente em S. Carlos até ás onze horas, no Gremio até ás duas. Jogava o *whist* com muita prudencia, lembrando sempre aos parceiros, quando alguma alteração sobrevinha, que *whist* em inglez quer dizer silencio. Jogava tambem o bilhar, lia o *Figaro*, em seguida o *Charivari*, depois o *Diario de Noticias*, olhava para o relógio, via-o marcar inexhoravelmente duas horas da manhã, saía, andando a passos miúdos e curtos, e insinuava-me em casa, abrindo previamente a porta com uma pequena gazua, silenciosa, discreta — de *pick-pocket*.

Tinha a intima nostalgia do ar livre e ahí tocm o que me desgraçava. Saía de casa para respirar e depois... depois voltava ás duas da manhã.

Minha mulher queixara-se a meu sogro do isolamento em que eu a deixava. Meu sogro dissera-me então todas aquellas coisas espessas, a que eu respondera com um silencio.

Eu saíra, cheio de arrebatamento e de intransigencia. Estava decidido a resistir enquanto as forças me não faltassem. Abandonar S. Carlos! Deixar para todo o sempre as bellas noites do Gremio! Trocar o meu pacifico *whist* pelas longas *soirées* caseiras, farradas de tedio, em que os minutos teriam horas de comprimento e eu bocejaria estirado na *chaise-longue*, guardando um silencio feroz, e estremecendo todas as vezes que o *Pierrot*, o papagaio cinzento, se lembrasse de declamar, na sua voz aguda e cheia de *rr* — *Papagaio real, para Portugal!*

— Não! dizia eu colericamente e apressando o passo. Nunca!

Em S. Carlos cantava-se a *Dinorah*. Havia enchente. Quando entrei, o panno acabava de erguer-se e vibravam no ambiente as notas frescas, sonoras, sadias, do adoravel coro dos camponexes que dá principio áquelle encantador *idyllio* musical. Pouco e pouco, deixei-me impregnar

da longa sensação de vida, de entusiasmo, de espaço vivamente illuminado, de musica suave, melancolica, subtil como um fluido, perfumada como um dia de primavera.

Percorreu-me as veias um fremito de santa voluptuosidade; senti sob a influencia d'aquella musica sublime um grande desprendimento de todas as coisas positivas e lembro-me que fitei sobre um diplomata austriaco que me estava proximo, um olhar carregado de desdem.

As scenas succediam-se e o encanto continuava a exercer-se na sua potencia irresistivel. Ia começar o esplendido *tercetto* final, em que Mayerbeer deixou espalarem-se, como em torrentes luminosas, os jorros impacientes da sua imaginação de artista.

Fechei os olhos para ouvir melhor. Chamei a mim toda a attenção dispersa e esperei.

N'este instante de suprema concentração, senti sobre o hombro o contacto d'um dedo. Estremeci como se recebesse uma descarga electrica. Voltei-me e vi um porteiro, um gordo homem de casaca preta, que me estendia um bilhete, entre dois grossos dedos callejados.

Parece-me que corei, senti sobre mim o peso de muitos olhares.

Peguei no bilhete, abri-o, e h estas duas palavras apenas:

— Vem immediatamente.

Era letra de minha mulher. Levantei-me de salto, apertando convulsivamente o bilhete entre os dedos e saí com uma grande ansiedade.

Que succedera, meu Deus, que succedera? O laconismo do bilhete aterrava-me. Previ uma grande catastrophe, tive sede, pensei em fugir. Arremessei-me para dentro da primeira carruagem que encontrei, disse a morada, gritei — *a toda a brida!* e no escuro do *coupé*, sacudido pelas velhas molas quasi inflexiveis, pensei no pescoço curto de meu sogro, na sua grossa figura anafada; vi-o estendido, como uma inerte massa fulminada, com os olhos revirados e espuma sanguinolenta nos cantos dos labios...

Veio-me então um grande remorso. Senti-me apunhalado por uma ancia terrivel. O *coupé* voava sobre o *mac-adam* e o seu rodar confuso juntava mais uma perturbação ao meu estado inquieto e angustioso. Chegámos finalmente: abri a porta, arrojé-me pelo corredor, atravessei muitas salas silenciosas e sombrias e penetrei finalmente no *nosso* quarto onde bruxuleava uma pequena luz morticia e doentia.

Minha mulher estava sentada no *fauteuil*, lendo tranquillamente. Quando entrei erguen a cabeça e fitou-me sem a minima expressão de surpresa.

— Que foi? exclamei eu. Que succedeu?

Teve um encolher de hombros — de ignorancia. Descançou o livro sobre os joelhos, espalmando a pequena mão na pagina que percorria momentos antes e respondeu:

— Não sei!

Tive ao mesmo tempo um grande allivio e uma grande colera. Apresentei-lhe o bilhete, que não cessara de amarrotar convulso e com um ar tyrannico:

— Que significa isto? perguntei theatralmente.

— Não sei! repetiu ella com exagerada innocencia.

Mas era a letra d'ella. Para que me escrevera? Que significavam aquellas palavras terriveis, em que se enlaçava uma vaga idéa de catastrophe e de angustia?

— Não é tua esta carta? indaguei eu, com o modo menos ridiculo de que era susceptível a minha situação.

— Não, respondeu minha mulher com uma grande seriedade.

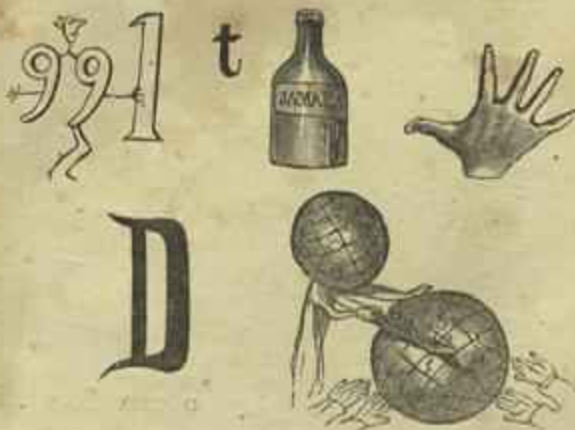
E abrindo o bilhete, acrescentou:

— É original! Imitaram-me a letra.

Em frente de nós havia uma pequena secretaria. Não sei por que inspiração corri lá e sobre o *burard*, quasi completamente nítido, observei uns pequenos traços inclinados, finos, quasi imperceptiveis, a que naturalmente correspondiam as *pattes de mouche* do bilhete.

A duvida já não era possivel. Houve em mim uma grande oscillação de colera e de riso. Senti-me capaz d'um acto violento ou d'uma gargalhada. Tive o bom senso de optar pela ultima e voltava-me para a soltar em toda a evidencia, quando senti dois braços enlaçarem-me o pescoço, o contacto d'uma pelle assetinada de encontro á minha barba ruda e uma voz murmurar-me docemente ao ouvido:

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

El pinta em erua pe'ra — Dex torás fagindo a nado — Sobre larri de cerveja.

